

Voz do leitor

*Fábio Luiz Alves de Amorim – FESV/ANFOPE
Jaconias Dias Rodrigues – SEDU/SERRA*

Entre realidades, desejos e devires... como estamos agora?

Em um cenário de pandemia, de afastamento social e de controversos discursos governamentais, percebemo-nos incapazes diante do inesperado, do acaso, do caos. As possibilidades de luta já não se materializam nas ruas, nas praças, nos espaços públicos, nas escolas... O inimigo hoje, é invisível, mutante, imprevisível e mortal, tendo sua letalidade potencializada pelos interesses do capital que, sorrateiramente, produz discursos e modos de vida na tentativa de capturar a proliferação de mundos possíveis.

Esse processo minimizou vidas, contingenciou o trabalho docente e criou conceitos e formas romantizadas de subjetivação. Discursos governamentais, na intenção de não parar a linha de produção, de “salvar a economia”, propagandeiam slogan como “esse é o novo normal”, como quem diz, “aceita que dói menos”. A todo momento vidas se tornam números, frios e sem importância. Mas quem faz parte do grupo de risco? Os idosos, pessoas com comorbidades como diabetes, obesidade, hipertensão, doenças respiratórias. A lógica capitalista em tempos de coronavírus, decide: esses não produzem mesmo, então, não tem porque parar todo mundo.

E a escola, como fica nesse cenário de incertezas e inseguranças? Vários foram os discursos, reportagens e entrevistas a esse respeito, mostrando o “novo normal” de professores e estudantes, de como se “reinventar” no contexto da Covid-19. Olhares sob a ótica do espanto de

como estão “se virando” os profissionais da escola. Entre improvisações tecnológicas e territoriais, foram se descortinando a precarização do trabalho docente, a falta de valorização do professor e as dificuldades enfrentadas nos mais diversos e diferentes cotidianos. Vimos que a educação à distância é muito mais distante do que imaginávamos, pois, nesse contexto, famílias vivem à margem não só da tecnologia, mas também do mínimo possível para afastamento e isolamento.

A realidade de estudantes e professores por esse Brasil a fora é efêmera, dissonante da lógica produtivista, mercadológica e meritocrática capitalística. É preciso sempre lembrar: a educação pública e de qualidade é um direito constitucional a todos os cidadãos, logo, é inadmissível aceitar que apenas alguns estudantes tenham garantido o seu acesso e a sua permanência, mesmo que por meio de chat, vídeochamadas, videoaulas e plataformas digitais.

São muitos os entraves, barreiras e limitações.... Então não vamos fazer nada? É cruzar os braços e esperar? Os estudantes ficarão sem estudar? E o ENEM? O que é mais importante? É a vida! Ela nos importa! Seja qual for... E nesse processo de “desimportância” da vida, reverberado pelo capital, pelos anseios neoliberais, estamos hoje discutindo: voltamos ou não às aulas presenciais?

Voltar, aos bons encontros, ao contato, ao perfume, ao gosto, ao sentir, à presencialidade, faz parte de nossos desejos, pois estamos com saudades dos sentidos e sensações estéticas que emergem dos atravessamentos nos cotidianos escolares. Com nossos desejos e entendendo a necessidade de nos afastar para podermos nos juntar com segurança, que recuperamos na memória, o que nos fortalece para desejarmos o normal que sempre tivemos: o da reinvenção e do devir.

Retomamos a leitura do capítulo “Do baú da memória: histórias de professora”, do livro *O Sentido da Escola*, organizado por Alves e Garcia (2002), no qual experiências comprovam o quanto o ambiente escolar pode ser modificado e potencializado por práticas que engendram o devir-alegria na escola, como nos mostra Carvalho (2019).

Garcia (2002) conta do espaço de liberdade construído pela professora Lúcia, na Baixada Fluminense que, na interlocução com os estudantes, tornou sua sala de aula em um lugar de experimentação, de invenção e construção de conhecimento ao trabalhar com o assunto da Copa do Mundo, ao perceber que os alunos estavam agitadíssimos por causa dos jogos.

Outro fato relatado por Garcia (2002) foi a história da docente Mercedes, que trabalhava em uma escola da periferia de Recife, em Pernambuco. Ao encontrar uma aluna triste por causa de um cachorro, a professora propôs à turma cuidar do bicho, construindo uma casinha para o cão, escrevendo uma carta para a mãe da Rosinha, a aluna chorosa, e a fazerem um cartaz. O trabalho realizado por Mercedes mostra o quanto a educação, pensada na perspectiva do rizoma e da invenção pode expandir a vida dos sujeitos nos cotidianos escolares.

Em conexão com as práticas tão diversas e significativas acontecidas no Rio de Janeiro e em Pernambuco, exemplificamos os nossos afetos a partir das experiências de aprendizagem para afirmarmos ser a escola também um *lócus* de alegria, de infinitas tessituras que aumentam a potência de agir, de ser e estar no mundo.

É a partir dessas intensidades, sejam elas ativadas pela leitura do texto aqui citado ou por cenas revividas em nossas memórias, que estamos agora na esperança de novas/outras formas de luta para somarmos forças em novos/outros devires.

Referências:

CARVALHO, Janete Magalhães. Macro/micropolítica, cotidiano escolar e constituição de um corpo coletivo em devir. **ETD-Educação Temática Digital**, 21(1), 47-62. <https://doi.org/10.20396/etd.v21i1.8650819>

GARCIA, Regina Leite. Do baú de memória: histórias de professora. In: ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite (Orgs.). **O sentido da Escola**. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. p.43-63.